

VII

TEIAS DO INFORTÚNIO

Parecia que o ano 58 estava destinado a assinalar os mais penosos incidentes para a vida do senador Lentulus e de sua família.

A morte de Calpurnia e o falecimento inesperado de Lúvia, dolorosos acontecimentos que impuseram á casa um luto permanente, obrigaram Plínio Severus a chegar-se um pouco mais ao ambiente doméstico, onde instituiria uma trégua aos seus desatinos de homem ainda novo, para viver em relativa calma ao lado da esposa.

Aurélia, contudo, na violência de suas pretensões, não descansava. Conseguindo introduzir uma serva astuta junto de Flávia, de conformidade com antigo projeto da sua mentalidade doentia, iniciou a sinistra execução de um plano diabólico, no sentido de envenenar, vagarosamente, a rival retraída e desditosa.

A princípio, observou a filha do senador que lhe surgiam algumas erupções cutâneas que, consideradas de somenos importância, foram tratadas tão sómente á pasta do miolo de pão misturado ao leite de jumenta, e havida na época, como específico dos mais eficazes para a conservação da pele. A esposa de Plínio, todavia, queixava-se incessantemente de fraqueza geral, apresentando o mais profundo desânimo.

Quanto a Plínio, o retomar a normalidade da vida pública e entregar-se, de novo, ao violento amor de Aurélia, foi questão de poucos dias, regressando á vida espectacular, com a amante e, agora, com a situação sentimental muito agravada pelas caluniosas denúncias de Saúl, acerca-das relações afetuosas de Agripa com a esposa.

Plínio Severus era generoso, embora impulsivo; mas, no regime familiar, seu espírito era o desses tiranos domésticos, que, adotando a conduta mais desregrada e incompreensível, não toleram a mínima falta no santuá-

rio da família. Embora a sua orientação errônea e condenável, passou a vigiar constantemente o irmão e a esposa, com a feroz impulsividade de um leão ofendido.

Saúl de Gioras, por sua vez, despeitado com a sublime afeição fraternal entre Flávia e Agripa, o qual continuava com a dedicação silenciosa do seu amor de renúncia, não perdia ensejo para envenenar o coração impetuoso do oficial, levando-lhe ao espírito as calúnias mais torpes e injustificáveis.

Agripa, na sua generosidade e no seu sentimentalismo, não podia adivinhar as ciladas que o enredavam na vida comum e prosseguia com a preciosa atenção de sua amizade santificante, junto da mulher que não podia amá-lo senão com um sublimado amor fraterno.

O ex-escravo dos Severus não perdia, contudo, as esperanças. Procurando, frequentemente, o velho Araxes, que aumentava de cupidez e ambição á medida que se lhe multiplicavam os anos, aguardava ansiosamente o instante de realizar as suas apaixonadas esperanças.

Observando que Flávia Lentulia dispensava funda afeição á Agripa, não trepidou em ver sinceramente nos seus menores gestos uma prova de amor intenso e correspondido, procurando insinuar-se por tôdos os modos, afim-de captar-lhe, igualmente, o interêsse e a atenção.

Uma noite, depois de mais de dois meses de espectativa ansiosa para atingir seus fins ignóbeis, conseguiu ficar só, absolutamente só, em companhia da jovem senhora, que se mantinha em breve repouso, num largo divã do espaçoso terraço.

Do alto, contemplavam-se os mais belos panoramas da cidade, então clareada pelo brilho das primeiras estrelas, na languidez suave do crepúsculo. As brisas cariciosas da tarde tranqüila traziam sons de alaúdes e harpas, tangidos nas vizinhanças, como se fôsem vozes harmoniosas do seio imenso da noite.

Saúl fixou a mulher cobiçada, contemplando-lhe o formoso e delicado semblante de madona, de uma palidez de neve, sob o dominio de um langor doentio e inexplicável!... Aquela criatura representava o objeto de tôdas as suas aspirações violentas e rudes, a méta da sua felici-

dade impossível e impetuosa. Na materialidade dos seus sentimentos, não a podia amar como se fôra um irmão e sim com a brutalidade dos seus impuros desejos.

— Senhora — disse resoluto, depois de fitar-lhe o rosto demoradamente — ha muitos anos espero um minuto como êste, para poder confessar-vos a enorme afeição que vos dedico. Quero-vos acima de tudo, até da própria vida! Sei que para mim estais num plano inacessível, mas, que fazer, se não consigo dominar esta adoração, êste intenso amor de minha alma?

Flávia abriu demesuradamente os olhos serenos e tristonhos, tomada de penosa surpresa.

— Senhor Saúl — revidou corajosamente, triunfando da sua emoção — serenai o vosso ânimo... Se me tendes tamanha afeição, deixai-me no caminho dos meus deveres, onde precisa conservar-se tôda a mulher ciosa da sua virtude e do seu nome! Calai, portanto, as vossas emoções nêste sentido, porque o amor de vossas afirmativas não pode passar de um desejo violento e impuro!...

— Impossível, senhora! — ajuntou o liberto exasperado — já fiz tudo por esquecer-vos... Tenho feito tudo que era possível para afastar-me definitivamente de Roma, desde o dia infausto em que vos vi pela primeira vez!... Regressei para Massília decidido a nunca mais voltar, porém, quanto mais me apartava da vossa presença, mais se me enchia a alma de tédio e de amargura! Fixei-me aquí, novamente, onde tenho vivido da minha desventura e das minhas tristes esperanças!... Por mais de dez anos, senhora, tenho esperado pacientemente. Sempre tributei respeito às vossas indiscutíveis virtudes, aguardando que um dia vos cansásseis do espôso infiel que o destino colocou, impiedosamente, no vosso caminho!...

Agora, pressinto que esgotastes o cálice das amarguras domésticas, porque não hesitastes em ceder ao afêto de Agripa... Desde que vos vi, na companhia de um homem que não é o vosso marido, tremo de ciúmes, porque sinto que fostes talhada apenas para mim... Ardo em zelos, senhora, e todas as noites sonho inten-

samente com os vossos carinhos e com a doce ternura de vossas palavras, que me enchem a alma tôda, como se de vós tão sómente dependesse tôda a felicidade da minha vida!...

Atendei aos apêlos de minha afeição interminável! Não me façais esperar mais tempo, porque eu poderia morrer!...

Flávia Lentulia ouvia-o, agora, entre surpreendida e aterrada. Quis levantar-se, mas faltou-lhe o ânimo precioso. Mesmo assim, teve a coragem necessária para responder-lhe:

— Enganai-vos! — entre mim e Agripa existe apenas uma afeição santificada e pura, de irmãos que se identificam nas provações e nas lutas da vida.

Não aceito as vossas insinuações acrimoniosas á vida particular de meu marido, porque, tenha êle a conduta que lhe aprouver na existência, eu devo ser a sentinela do seu lar e a honra do seu nome...

Se puderdes compreender o respeito devido a uma mulher, retirai-vos daqui, porque os vossos propósitos de traição me causam a mais funda repugnância!

— Deixar-vos?! Nunca!... — exclamou Saúl com terrível entono. Esperar tantos anos e nada conseguir? Nunca, nunca!...

E avançando para a senhora indefesa, que se levantára num esforço supremo, abraçou-lhe o busto, em ânsias apaixonadas, retendo-a nos braços impulsivos, por um rápido minuto.

Saúl, todavia, na sua excitação e terrível impulsividade, não teve ânimo para resistir á fôrça sobre-humana com que a pobre senhora se defendeu naquele transe penoso para a sua alma sensível, e perdeu a presa que se lhe escapou inopinadamente das mãos criminosas, descendo imediatamente aos seus aposentos, onde se recolheu chorando as lágrimas da sua indignidade ofendida, mas evitando qualquer nota escandalosa sôbre o incidente.

Só no dia seguinte, á noite, Plínio Severus veio á casa, encontrando-a desalentada e abatida.

Censurando-lhe a ausência, na intimidade conjugal, o espôso infiel respondeu-lhe secamente:

— Mas uma cena de ciúmes? Bem sabes que isso é inútil!

— Plínio, meu querido — esclareceu entre lágrimas — não se trata de ciúme, mas da justa defesa de nossa casa!...

E, em rápidas palavras, a desventurada criatura o pôs ao corrente de todos os fatos; todavia, o oficial esboçou um sorriso de incredulidade, acentuando com certa indiferença:

— Se esta longa história é mais um artifício de mulher ciumenta, para me reter na insipidez do ambiente doméstico, todo o esforço é indispensável, porque Saúl é o meu melhor amigo. Ainda ontem, quando me encontrava em sérias aperturas financeiras para resgatar algumas dívidas, foi êle quem me emprestou oitocentos mil sestércios. Seria melhor, portanto, que prezasses melhor a honra do nosso nome, abandonando as tuas relações com Agripa, já excessivamente comentadas, para que eu alimente qualquer dúvida!

E, assim falando, retirou-se novamente para os prazeres da vida noturna, enquanto a consorte amargava, em silêncio, o seu inominável martírio moral, sentindo-se abandonada e incompreendida, sem qualquer esperança.

Alguns dias correram lentos, amargos, dolorosos.

Flávia, dado o seu natural retraimento feminino, não teve coragem de confiar ao pai, já de si tão acabrunhado pelos golpes da vida, a sua enorme amargura.

Agripa, contudo, observando-lhe o abatimento, buscava confortar-lhe o coração com generosas palavras, examinando as perspectivas de melhores dias no porvir.

A pobre senhora, todavia, definhava a olhos vistos, sob o domínio das moléstias inexplicáveis que lhe dominavam os centros de força e sob a tortura íntima dos seus penosos segredos.

Saúl de Gioras, porém, como se tivesse tódos os seus instintos aguçados por aquele minuto em que tivera entre os braços impetuosos a mulher dos seus desejos impulsivos, jurava, intimamente, possuí-la a qualquer preço,

enchendo-se dos mais terríveis propósitos de vitória contra o filho mais velho de Flaminio. Foi assim que continuou a frequentar o palácio do Aventino, tomado das intenções mais sinistras.

Respeitando as antigas tradições da família Severus, que sempre fizera questões de proporcionar áquele liberto um perfeito tratamento de amigo íntimo, Públio Lentulus, embora a pouca simpatia que lhe inspirava, concedia-lhe o máximo de liberdade na sua residência, sem suspeitar de leve, dos seus propósitos condenáveis. Agora, porém, Saúl não buscava a intimidade da família nem se avistar, de modo algum, com a esposa de Plínio ou com o pai, conservando-se em companhia dos servos da casa ou permanecendo nos aposentos particulares de Agripa ou do irmão, que nunca lhe haviam negado a mais sincera confiança.

Da sua permanência nas sombras, todavia, procurava observar os mínimos gestos do irmão mais velho de Plínio, que, atendendo á situação de abatimento de Flávia Lentulia, conservava-se horas a fio, muitas vezes em companhia do velho senador, nos seus apartamentos privados, ora prolongando as suas tristes esperanças no futuro, com a possível compreensão do espôso, ora dando-lhe a conhecer os versos mais admirados da cidade, comentando-se, fraternalmente, as bagatelas encantadoras da vida social.

Diariamente, contudo, o sicofanta procurava o marido de Flávia, para colocá-lo ao corrente de fatos injustificáveis e inverosímeis, a respeito da vida íntima de sua mulher.

Plínio Severus dava tódo o crédito aos desarrazoados do falso amigo, afervorando cada vez mais sua dedicação a Aurélia, que lhe empolgava o coração, assediado e engeguecido pelas mais torpes tentações da vida material.

Envenenado pelas intrigas criminosas e reiteradas de Saúl, licenciara-se o oficial, de modo a realizar uma viagem ás Gálias, com a amante, por satisfazer-lhe caprichosos desejos ha muito manifestados.

No dia da partida para Massília, de onde pretendia demandar o interior da província, foi procurado por

Saúl na residência de Aurélia, que ficava próximo do Fórum, ouvindo-lhe, em febre de ódio, as mais tremendas afirmativas, terminadas com esta aleivosa sugestão:

— "Se quiseses verificar por ti mesmo a traição de Agripa e tua mulher, volta hoje á noite, furtivamente á tua casa e busca penetrar inesperadamente no teu quarto. Não precisarás, então, dos zêlos da minha dedicação amiga, porque encontrarás teu irmão em atitudes decisivas."

Naquele momento, Plínio Severus ultimava os preparativos de viagem, tendo mesmo, pela manhã, apresentado as suas despedidas em casa, aos mais íntimos familiares e, para justificar os imperativos de sua ausência, alegára determinações imperiosas da chefia de suas atividades militares, embora fôsem muitos diversos os verdadeiros e inconfessáveis motivos da sua partida.

Ouvindo, entretanto, as graves denúncias do liberto judeu, o oficial preparou-se para enfrentar qualquer eventualidade, dirigindo-se, á noite, para o palácio do Aventino, com o espírito atormentado por tigrinos sentimentos.

O liberto, porém, que planejava executar seus projetos criminosos, nas suas intenções impiedosas e terríveis, postou-se, á noitinha, com a cumplicidade natural de tôdos os servidores da casa, nos apartamentos particulares de Agripa, procedendo de tal modo que os próprios escravos não poderiam atinar com a permanência de sua presença nos aposentos referidos.

A' noite, Plínio Severus procurou a casa, inopinadamente, com surpresa para alguns criados, que tinham ciência de suas despedidas e, sem dizer palavra, enchequido pelas calúnias injuriosas do falso amigo, penetrou cautelosamente no gabinete da espôsa, ouvindo a voz des preocupada do irmão, embora não conseguisse identificar as suas palavras.

Abrindo, um pouco, a cortina sedosa e delicada, viu Agripa nos seus gestos de carinho íntimo e fraterno, acariciando as mãos de sua mulher com um leve e doce sorriso.

Por muito tempo observou-lhes, ansioso, os meno-

res gestos, surpreendendo-lhes as recíprocas demonstrações de suave estima fraternal, representadas agora, aos seus olhos cegos de ódio e ciúme, como os mais francos indícios de prevaricação e de adultério.

No auge da desesperação, abriu as cortinas num gesto brusco, penetrando a câmara conjugal, como se fôra um tigre atormentado.

— Infames!... — gritou em voz baixa e enérgica, procurando evitar a escandalosa assistência dos criados. Então, é dêste modo que manifestam o respeito devido à dignidade do nosso nome?

Flávia Lentulia, com os seus padecimentos físicos fundamente agravados, fez-se pálida de neve, enquanto Agripa enfrentava o terrível olhar do irmão, singularmente surpreendido.

— Plínio, com que direito me insultas dessa forma? — perguntou êle energicamente. Saiamos daqui, imediatamente. Discutiremos as tuas injuriosas objeções no meu quarto. Aqui permanece uma nobre criatura enferma e abandonada pelo espôso, que lhe humilha o nome e os milindres com a vileza de um proceder criminoso e injustificável, que requer o nosso amparo e o nosso respeito!...

Os olhos de Plínio Severus fuzilavam de raiva, enquanto o irmão levantou-se serenamente, retirando-se para os seus aposentos, acompanhado do oficial que fremia de raiva, agravada pela humilhação que lhe infligia a calma superior do adversário.

Chegados, porém, aos aposentos de Agripa, o impulsivo oficial, depois de numerosas acusações e reprimendas, explodia em exclamações dêste jaez:

— Vamos! Explica-te, traidor!... Então, lanças a lama da tua ignominia sôbre o meu nome e te acovardas nesta serenidade incompreensível?!

— Plínio — exclamou Agripa ponderadamente, obrigando o interlocutor a calar por alguns momentos — é tempo de pôres termo aos teus desatinos.

Como poderás provar semelhante calúnia contra mim, que sempre te desejei o maior bem? Qualquer comentário menos digno, acêrca-da conduta de tua mu-

lher, é um crime imperdoável. Falo-te, nesta hora grave dos nossos destinos, invocando a memória irrepreensível de nossos pais e o nosso passado de sinceridade e confiança fraterna...

O impetuoso official quasi se imobilizára, como um leão ferido, ouvindo essas ponderações superiores e calmas, enquanto Agripa continuava a externar suas impressões mais íntimas e mais sinceras:

— E agora — prosseguia com serenidade — já que reclamas um direito que nunca cultivaste, em vista da sucessão interminável dos teus desatinos na vida social, devo afirmar-te que adorei tua mulher acima de tudo, em toda a vida!... Quando gastavas a tua mocidade junto do espírito turbulento de Aurélia, vimos Flávia, na sua juventude, pela primeira vez, logo após o seu regresso da Palestina e descobri nos seus olhos a clareza afetuosa e terna que deveria iluminar a placidez do lar que eu idealizei nos dias que se foram!... Mas, descobriste, simultaneamente, a mesma luz e eu não hesitei em reconhecer os direitos que te cabiam ao coração, porque ela correspondeu á intensidade do teu afeto, parecendo-me unida a ti pelos laços indefiníveis de um santificado mistério!... Flávia te amava, como sempre te amou, e a mim só competia esquecer, buscando ocultar as minhas ansiedades torturantes e angustiosas!...

Ao ensejo do teu casamento, não resisti vê-la partir nos teus braços e, depois de ouvir a palavra materna, amorosa e sábia, demandeí outras terras com o coração esfacelado! Por dez anos amargurosos e tristes, peregrinei entre Massília e a nossa propriedade de Avênio, em aventuras loucas e criminosas, em se tratando dos sentimentos mais santos do coração... Nunca mais pude acarinhar a idéia da constituição de uma família, atormentado constantemente pelas recordações da minha desventura silenciosa e irremediável.

Ultimamente, voltei á Roma com os derradeiros resquícios de minha ilusão dolorosa e malograda...

Encontrei-te no abismo das afeições ilícitas e não te condenei os deslises injustificáveis.

Sei que gastaste três quartas partes dos nosso bens comuns, satisfazendo á louca prodigalidade de tuas aventuras infelizes e degradantes, e não te censurei o procedimento inesperado.

E aqui, nesta casa, sob êste teto que constitúe para nós ambos o prolongamento carinhoso do teto paternal, não tenho sido para a tua nobre mulher, senão um irmão dedicado e amigo!...

Vendo-se acusado, claramente, por suas faltas e sentindo-se ferido nas suas vaidades de homem, Plínio Severus reagiu com mais ferocidade, exclamando exaltadamente na sua desesperação:

— Infame, é inútil aparentares esta superioridade inacreditável! Somos iguais, nos mesmos sentimentos, e não creio na tua dedicação desinteressada nesta casa. Ha muito tempo vives com Flávia, ostensivamente, em aventuras criminosas, mas resolveremos, agora, tôda a nossa questão pela espada, porque um de nós deve desaparecer!...

E, arrancando a arma de que fôra munido para qualquer eventualidade, avançou decididamente para o irmão, que cruzou os braços, serenamente, esperando-lhe o golpe implacável.

— Então, onde se encontram os teus brios de homem? — exclamou Plínio exasperado. Esta serenidade expressa bem a tua covardia... Coloca-te em defesa da vida, porque quando dois irmãos disputam a mesma mulher, um dêles deve morrer!

Agripa Severus, porém, sorriu tristemente, exclamando:

— Não retardes muito a consumação dos teus propósitos, porque me prestarás o bem supremo da sepultura, já que a minha vida, com as suas torturas de cada instante, nada mais representa que um caminho escabroso e longo para a morte.

Reconhecendo-lhe a nobreza e o heroísmo, mas acreditando na infidelidade da mulher, Plínio guardou novamente a espada, exclamando:

— Está bem! Eu podia eliminar-te, mas não o faço, em consideração á memória de nossos pais inesquecíveis;

todavia, continuando a acreditar na tua infâmia, partirei daqui para sempre, levando no íntimo a certeza de que tenho em teu espírito de traidor o meu maior e pior inimigo.

Sem mais palavra, Plínio retirou-se a passos largos, enquanto o irmão caminhando até a porta, lançava-lhe um derradeiro apêlo afetuoso, para que não se fôsse.

Alguém, todavia, acompanhára a cena, detalhe por detalhe. Esse alguém era Saúl de Gioras que, saindo do seu esconderijo e apagando inopinadamente a luz do quarto, alcançou Agripa num salto certo, pelas costas, vibrando-lhe um violento golpe. O pobre rapaz caiu redondamente numa pôça enorme de sangue, sem que lhe fôsse possível articular uma palavra. Em seguida ao ato criminoso, fugiu o liberto afetando despreocupação, sem que ninguém pudesse atinar com a dolorosa ocorrência.

No seu quarto, porém, Flávia Lentulia se surpreendia com a demora da solução de um caso em que se via envolvida e também considerado, por ela, á primeira vista, como um acontecimento sem importância.

Levantou-se, depois de considerável esforço, dirigindo-se á porta que comunicava os apartamentos de Agripa com o peristilo, mas, surpreendida com a escuridão e silêncio reinantes, apenas escutou, vindo do interior um leve rumor, semelhante ao sons roucos de uma respiração fatigada e opressa.

Dominada por dolorosos pressentimentos, a desventurada criatura sentiu bater-lhe o coração descompassadamente.

A ausência de luz, aquele ruído de respiração estertorosa e, sobretudo, o profundo e pavoroso silêncio, fizeram-na recuar, buscando o socôrro e a experiência de Ana, que lhe seduzira igualmente o coração, pela dedicação e pela humildade, em todos os dias daquele amargurado período da sua existência.

Gozando do respeito e da estima de tôdos, a velha criada de Livia era, agora, quasi a governanta da casa, a quem, por determinação dos senhores, todas as escravas do palácio do Aventino deviam obediência.

Chamada por Flávia aos seus aposentos particulares, a velha servidora dos Lentulus depois de ouvir a apressada confidência da senhora, compartilhando-lhe dos receios, acompanhou-a ao quarto de Agripa, em cuja porta de entrada também parou, pensativa, embora já não mais se ouvisse a respiração opressa, observada minutos antes pela espôsa de Plínio.

— Senhora — disse afetuosa — estais abatida e ainda necessitais de repouso. Voltai ao quarto; se algo houver que justifique os vossos receios, procurarei resolver o assunto junto de vosso pai, a quem cientificarei do que houver, lá no seu gabinete particular.

— Agradecida, Ana — respondeu a senhora visivelmente emocionada — concôrdo contigo, mas esperarei aqui no peristilo o resultado de tuas providências.

Com uma prece, a antiga criada penetrou no aposento, fazendo um pouco de luz e parando o olhar, quasi estarecida.

No tapete, o cadaver de Agripa Severus, caído de bôrco, descansava numa pôça de sangue, que ainda corria do profundo ferimento aberto pela arma homicida de Saúl.

Ana precisou mobilizar todas as reservas de serenidade da sua fé, para não gritar escandalosamente, alarmando a casa inteira. Ela, porém, que tantos padecimentos havia já experimentado em tódo o curso da vida, não tinha grande dificuldade em juntar mais uma nota angustiosa ao concôrto de suas amarguras, sofridas sempre com resignação e serenidade.

Todavia, sem poder dissimular a angústia e a profunda palidez, voltou novamente ao peristilo, exclamando algo inquieta, para Flávia Lentulia, que lhe observava as mínimas atitudes, ansiosamente:

— Senhora, não vos assusteis, mas o senhor Agripa está ferido...

E aos primeiros movimentos de curiosidade angustiosa da filha do senador, que lembrava a profunda desesperação do espôso momentos antes, Ana acalmou-a com estas palavras:

— Não temos tempo a perder! Procuremos o se-

nador, para as primeiras providências; contudo, supponho que devo cuidar sozinha dessa tarefa, aconselhando-vos a buscar a tranquilidade do vosso quarto.

Mas, silenciosas e inquietas, dirigiram-se as duas, apressadamente, ao gabinete de Públio, que descansava os olhos sobre numerosos processos políticos, no seio tranquilo da noite.

— Agripa, ferido?! — perguntou altamente surpreendido o senador, depois de se inteirar da ocorrência pela palavra de Ana. Mas, quem teria sido o autor de semelhante atentado nesta casa?

— Meu pai — respondeu Flávia entre lágrimas — ainda ha pouco, Plínio e Agripa tiveram séria alteração no interior dos meus aposentos!...

Públio Lentulus percebeu o perigo das palavras confidenciais da filha em tal circunstância e, como não podia acreditar que os filhos de Flamínio, sempre tão unidos e generosos, fôsem ao extremo das armas, acentuou decisivamente:

— Minha filha, não acredito que Plínio e Agripa se abalançassem a tais extremos.

E, como estivessem na presença de Ana, que por mais conceituada que fôsse, agora, na sua confiança pessoal, não podia modificar a estrutura de suas rígidas tradições familiares, acrescentou como se quisesse prevenir o espírito da filha contra qualquer revelação inconveniente que pudesse envolver o seu nome, nos escândalos sociais, irremediáveis:

— Além disso, não me parece muito certa em tuas lembranças, porque Plínio despediu-se de manhã, seguindo viagem para Massília. Não podemos esquecer esta circunstância.

Não se viu algum desconhecido nesta casa?

— Senhor — respondeu Ana, com humildade — ha alguns minutos vi que o senhor Saúl se retirava apressado lá do quarto do ferido. De acôrdo com as minhas observações e atento á sua familiaridade com os vossos amigos, supponho-o pessoa indicada para nos dar qualquer esclarecimento.

Os olhos do velho senador brilharam estranhamente, como se houvesse encontrado a chave do enigma.

Nêsse instante, porém, enquanto organizava os seus papéis, apressadamente, afim-de prestar os primeiros socorros ao ferido, Flávia Lentulia, como se as observações de Ana lhe suscitassem novas explicações, rompeu soluçante.

— Meu pai, meu pai, só agora me recordo de que vos deveria cientificar de cousas muito graves!...

— Filha, — acudiu com decisão — estás doente e fatigada. Recolhe-te ao quarto, procurarei a tudo remediar!... E' muito tarde para qualquer ponderação. As cousas graves são sempre más e o mal que não se corta pela raiz, com o esclarecimento necessário, é sempre uma semente de calamidade guardada em nosso coração, para rebentar em lágrimas de amargura, nas horas inesperadas da vida!... Falaremos, pois, mais tarde. Urge, agora, providenciar o que seja mais urgente e oportuno.

Retirando-se apressado, com a serva, em demanda dos apartamentos do rapaz, notou que Flávia obedecia, sem discussão, ás suas determinações, recolhendo-se ao quarto.

Penetrando nos aposentos de Agripa, em companhia da velha serva, Públio Lentulus conseguiu medir toda a extensão da tragédia ali desenrolada, sob o seu tétó respeitável.

Fechando a porta de acesso, o senador verificou que o filho mais velho do seu inesquecível Flamínio estava morto, restando saber os íntimos detalhes daquele drama doloroso, cujo fim angustiado era a única cena que ali se deparava.

Ajoelhando-se ao lado do cadáver, no que foi acompanhado pela serva e amiga leal, falou compungidamente:

— Ana, é muito tarde!... O meu pobre Agripa já não vive, nem haveria possibilidade de socôrro para um ferimento desta natureza!... Parece haver expirado ha poucos momentos!...

Alçando ao Alto o olhar marejado de lágrimas, exclamou amarguradamente:

— O' manes de meu desventurado filho, acolhei as nossas súplicas pelo descanso perpétuo de sua alma!...

Todavia, aquela prece morrera-lhe no íntimo. A voz tornara-se-lhe frouxa e oprimida. Aquele espetáculo hediondo abalara-o profundamente. Queria falar, sem o conseguir, porquanto tinha a garganta como que dilacerada e rebelde, sob a fôrça dos singultos do coração, que morriam latentes na soledade da sua imperiosa fortaleza espiritual.

Ana o contemplou aflita, porque seus olhos nunca o haviam observado em atitudes tão íntimas, em todo o longo tempo de serviço naquela casa.

Públio Lentulus, aos seus olhos era sempre o homem frio e impiedoso, em cujo peito pulsava um coração de ferro, que não podia timbrar senão para as loucas vaidades mundanas.

Naquele instante, contudo, entre assustada e comovida, observava que também o senador tinha lágrimas para chorar. De seus olhos sempre altivos, caíam lágrimas ardentes, que rolavam, silenciosas e tristes, sobre a cabeça inerte do rapaz, também considerado por êle um filho, como se nada mais lhe restasse, além do consôlo supremo de abraçar carinhosamente os seus tristes despojos, através do véu escuro de suas dúvidas angustiosas.

Ana, profundamente tocada pela amargura daquela cena íntima, exclamou com humildade, desejosa de confortar a dôr imensa daquele mal sem remédio:

— Senhor, tenhamos coragem e serenidade. Nas minhas orações obscuras, peço ao profeta de Nazaré que vos ampare do céu, confortando-vos o coração sofredor e desalentado!

O pensamento do senador vagava no dédalo das dúvidas tenebrosas. Cotejando as observações da filha e as palavras de Ana, buscava descobrir, no íntimo, a intuição sobre a culpabilidade do delito. A qual dos dois, Plínio ou Saúl, deveria imputar a autoria do atentado nefando? Êle, que decidira tantos processos difíceis

na sua vida, êle, que era senador e não perdia também ensejo de participar dos esforços da edibilidade romana, sentia agora a dôr suprema de exercer a justiça em sua própria casa, na perspectiva da destruição de tôda a ventura dos seus filhos muito amados!...

Ouvindo, porém, as expressões consoladoras e carinhosas da serva, recordou a figura extraordinária de Jesús Nazareno, cuja doutrina de piedade e misericórdia a tantos fortalecia para afrontar as situações mais ríspidas da vida, ou para morrer, heróicamente, como sua própria mulher. Dirigindo-se, então, á criada, com uma intimidade imprevista, em gestos comovedores de simplicidade generosa, quais a serva jamais lhe observára, em qualquer circunstância da vida doméstica, disse:

— Ana, — sempre fui um homem enérgico, em tôda a vida, mas chega sempre um momento em que o nosso coração se sente acabrunhado diante da rudeza das lutas que o mundo nos oferece com as suas desilusões amargas e dolorosas! Se és tão sómente uma serva, eu sei hoje apreciar-te o coração, embora tardiamente!...

Uma lágrima espontânea embargava-lhe a voz, porém, o velho patricio continuava:

— Em tôda a minha existência, tenho julgado uma imensidade de processos de tôda natureza, relativos á justiça do mundo; mas, de tempos a esta parte, parece-me que estou sendo julgado pela fôrça incoercível de uma justiça suprema, cujos tribunais não se encontram na Terra!...

Desde a morte de Livia, sinto o coração modificado, a caminho de uma sensibilidade para mim, até então, desconhecida.

A aproximação da velhice parece uma ante-câmara da morte de tôdos os nossos sonhos e esperanças!...

Frente a êste cadáver, que, certamente, vai aumentar a sombra dos nossos segredos de família, sinto quão dolorosa é a tarefa de justificar os nossos entes amados e, já que te referes ao Mestre de Nazaré, cuja doutrina de paz e fraternidade a tantos tem ensinado a morrer com resignação e heroísmo supremos, pela vitória da cruz dos seus martírios terrestres, como procederia êle

num caso dêstes, em que as mais tremendas dúvidas me pairam no coração, quanto á culpabilidade de um filho muito amado?

— Senhor — respondeu Ana, com humildade, fundamente comovida ante aquela prova de consideração afetuosa — muitas vezes, Jesús nos ensinou que jamais devemos julgar para não sermos também julgados.

O senador se surpreendia, ao receber, de uma criatura tão simples e tão inculta aos seus olhos, essa maravilhosa síntese da filosofia humana, repassando, no espírito, o seu doloroso passado.

— Mas, — aventou como se quisesse justificar-se a si mesmo dos êrros profundos do seu passado de homem público — os que não julgam perdoam e esquecem; e, se mandam as leis da vida que sejamos agradecidos ao bem que se nos faça, não podemos perdoar o mal que se nos atira no caminho!...

Ana, porém, não perdeu o ensejo de consolidar o ensinamento evangélico, acrescentando com doçura:

— Mesmo na minha terra, a Lei antiga mandava que se cobrasse olho por olho e dente por dente, mas Jesús de Nazaré, sem destruir a essência dos ensinamentos do Templo, esclareceu que os que mais erram no mundo são os mais infelizes e mais necessitados do nosso amparo espiritual, recomendando, na sua doutrina de amor e caridade, não perdoassemos uma vez só, mas setenta vezes sete vezes.

Públio Lentulus admirava-se de aprender aqueles generosos conceitos da sua criada, dentro dos princípios do perdão irrestrito. Perdoar? Nunca o fizera em suas porfiadas lutas no mundo. Sua educação não admitia piedade ou comiseração para os inimigos, porque todo perdão e toda humildade significavam, para os de sua classe, traição ou covardia.

Lembrava-se, porém, agora, de que em numerosos processos políticos poderia haver perdoado e que, em muitas circunstâncias da sua vida, poderia ter fechado os olhos da sua severidade com amoroso esquecimento.

Sem saber a razão, como se uma energia ignorada lhe reconduzisse o pensamento aos tempos idos, suas

lembranças se transportaram ao período remoto de sua viagem á Judéia, revendo com os olhos da imaginação a cena em que, com o seu rigorismo, escravizára impiedosamente um mísero rapaz. Sim, também aquele jovem se chamava Saúl e êle trazia agora o cérebro ralado por dúvidas amargosas, entre aquele Saúl, liberto dos seus amigos, e a figura de Plínio, sempre guardada no seu conceito num halo de amor e generosidade.

Perdoar?

E o pensamento do senador se quedava em meditações amargas e penosíssimas, naqueles minutos angustiadoss e longos. Era, talvez, uma das poucas vezes na vida, em que o seu cérebro duvidava, receoso de fazer cair a austeridade do julgamento sôbre a fronte de um filho muito querido.

Mas, saindo dessa apatia de alguns minutos, exclamou com resolução:

— Ana, o profeta Nazareno devia ser, de fato, uma figura divina aqui na Terra!... Eu, porém, sou humano e careço de fôrças novas para viver uma existência fóra de minha época... Quero perdoar e não posso... Quero julgar, todavia, neste caso, e não sei como fazê-lo... Mas, hei de saber decidir, quanto á solução dêste angustioso problema! Farei o possível por observar os preceitos do teu mestre, guardando uma atitude de silêncio, até que venha a conhecer o verdadeiro culpado, quando, então, buscarei não julgar como os homens, mas pedir á essa justiça divina que se manifeste, amparando meus pensamentos e esclarecendo os meus atos...

E como se retomasse a sua energia usual para as lutas da vida, o velho patrício sentenciou:

— Agora, tratemos da vida nas suas realidades dolorosas.

Colocou o cadáver de Agripa no leito e recomendando á serva que preparasse o espírito da filha, amparando-lhe o coração no angustioso transe, abriu as portas do aposento, requisitou a presença de tôdos os fâmulos da casa, levando a ocorrência ao conhecimento das autoridades e procedendo, simultaneamente, a rigoroso inquérito, afim-de apurar a procedência do crime,

embora um episódio daquela natureza fôsse considerado vulgaríssimo nos dias atribulados da Rôma de Domício Nero.

Alguns criados alegavam ter visto Plínio Severus com o irmão, durante a noite; mas a palavra do senador anulava-lhes as declarações, com a afirmativa de que o irmão da vítima havia partido, durante o dia, em demanda do pôrto de Massília.

Saúl era, dêsse modo, a pessoa naturalmente indicada para prestar declarações e, antes que se realizassem as cerimônias fúnebres, o senador supunha ter razões para crer na sua culpa, observando-lhe as evasivas e alusões descabidas, que não satisfaziam ás exigências da sua perquirição psicológica. Suas afirmações e indiretas não coincidiam com as asseverações incisivas de Ana, cuja retidão de palavra êle bem conhecia. Em alguns tópicos de suas informações, negou estivesse presente nos aposentos de Agripa e isso foi o bastante para que o senador verificasse que mentia.

Quanto a Plínio, não fôra de fato encontrado, obtendo-se tão sómente a lacônica participação da sua partida para Massília, o que de fato ocorrera na mesma noite da tragédia, depois da sua altercação decisiva com o irmão, no palácio do Aventino.

Em companhia de Aurélia, demandava as Gálias, em suntuosa galera, singrando as águas calmas do antigo mar romano.

O senador, porém, apenas desejava ouvir melhor as confidências da filha, para arrancar a confissão suprema do mísero liberto de Flamínio, de cuja culpabilidade não tinha mais dúvida.

Procurou, dessarte, realizar com a maior discreção os funerais do filho do seu inesquecível amigo, aos quais Saúl de Gioras teve a desfaçatez de assistir, com tôda a serenidade venenosa do seu espírito mesquinho.

Flávia Lentulia, porém, sob o efeito pernicioso de tóxicos letais, que lhe haviam sido aplicados por Athéia, a serva traidora, paga por Aurélia, que, na sua inconsciência, havia envenenado tôdos os cosmeticos do seu uso, destinados ao tratamento da péle e dos cílios, tinha,

agora, todos os seus padecimentos físicos singularmente agravados, além da terrível situação moral em face da penosa ocorrência e acabrunhada, igualmente, por dúvidas angustiosas.

Aquele mal da infância parecia reviver, porque o corpo novamente se abria em chagas dolorosas, enquanto os olhos pareciam seriamente atacados por moléstia implacável.

Três dias depois das exéquias de Agripa, Públio Lentulus fundamente penalizado, ouviu-lhe o depoimento íntimo e angustioso, com o máximo de atenção amorosa e interessada. Findo o relato minucioso da filha, cujas desventuras conjugais lhe tocavam o âmago do coração, o velho senador requereu novo interrogatório de Saúl, com a sua presença, mas, enviando emissários á procura do liberto de Flamínio, ficara atônito com uma nova surpresa.

Saúl de Gioras, depois de responder ás arguições particulares de Públio Lentulus, quando ainda não se haviam realizado os funerais de Agripa Severus, percebeu claramente a atitude mental do senador para consigo, concluindo que lhe não seria possível enganar o tacto psicológico do velho senador.

Dois dias após as cerimônias fúnebres, o liberto procurou Araxes no seu miserável refúgio do Esquilino, com o espírito exacerbado e inquieto.

Crendo sinceramente nas intervenções maravilhosas do mago, á vista das suas faculdades divinatórias, aproveitadas, aliás, por forças tenebrosas do plano invisível, ligadas ás suas sinistras ambições de dinheiro, notou Saúl que o adivinho o recebia com a misteriosa fleugma de sempre. Deixou bem ao alcance da vista, a bolsa volumosa e enorme, recheada de ouro, como a demonstrar-lhe as suas ricas possibilidades financeiras, para aquisição do talismã de sua ventura.

O velho feiticeiro, encarquilhado pelos anos, reconhecendo-lhe as disposições generosas, desfazia-se em sorrisos de benevolência ambiciosa e enigmática, parecendo devassar-lhe o olhar assustadiço e inquieto, com o fulgor e ranho dos seus olhos móveis e penetrantes.

— Araxes — exclamou Saúl com voz quasi súplice — estou cansado de esperar o amor da mulher que adoro! Estou aflito e preocupado... Preciso serenar minhas penosas aflições. Ouve-me! Quero de tuas mãos o talismã da felicidade para o meu amor desventurado!...

O velho adivinho guardou por minutos a cabeça entre as mãos, no gesto que lhe era peculiar e depois, respondeu em voz quasi sumida:

— Senhor, dizem-me as vozes do invisível que as vossas aflições não são resultantes de um amor incompreendido e desesperado...

Mas, o liberto de Flaminio, que sofria o mais fundo desespero de consciência por haver eliminado um amigo e benfeitor, em plena floração da juventude, cortou-lhe a palavra exclamando incisivamente:

— Como ousas contradizer-me, feiticeiro infame?

Araxes, todavia, com um brilho estranho nos olhos móveis, revidou com presteza:

— Julgais-me, então, um feiticeiro infame? Nem por isso, todavia, deixarei de falar a verdade, quando a verdade me convenha.

— Pois repito o que disse e a que verdades misteriosas aludes, em tuas vagas afirmativas? — falou o liberto, fundamente exasperado.

— A verdade, meu amigo — dizia o mago com serenidade quasi sinistra — é que se estais tão perturbado é sómente porque sois um criminoso. Assassinaastes, friamente, um benfeitor e um amigo, e a vossa consciência de celerado teme a implacável ação da justiça!

— Cala-te, miserável! Como o soubeste? — exclamou Saúl, excitadíssimo, ao mesmo tempo que arrancava de punhal de entre as dobras de suas vestes.

E avançando para o velho indefeso, acrescentava com voz cavernosa:

— Já que as tuas ciências ocultas te proporcionam conhecimentos perniciosos á tranquillidade alheia, deves também desaparecer!...

Araxes compreendeu que o momento era decisivo. Aquele homem arrebatado era capaz de eliminá-lo de um só golpe. Medindo a situação num relance e mo-

vimentando toda a sua argúcia para conservar os bens da vida, esboçou um sorriso fingido e complacente, exclamando:

— Ora, ora, se falei a verdade foi tão sómente para que possais avaliar os meus poderes espirituais, porquanto, se é do vosso desejo, poderei integrar-vos imediatamente, na posse do talismã que vos é necessário. De posse dêle, sereis profundamente amado pela mulher de vossas preferências... Com êle, modificareis os mais íntimos sentimentos dessa criatura que adorais e que vos fará, então, a felicidade de tôda a vida. Quanto ao mais, não sois o primeiro a tirar a vida de um semelhante, porque tôdos os dias me aparecem frequêses nas vossas condições, batendo a estas portas. Além disso, entre nós deve existir uma grande confiança recíproca, porque sois meu cliente ha mais de dez anos.

Ouvindo-lhe as palavras benevolentes e serenas, o liberto de Flamínio embainhou novamente a arma, considerando novas perspectivas de felicidade e concordando em tudo com o adivinho, que, fazendo-o sentar-se, lhe ocupou a atenção por mais de uma hora com a descrição de fatos idênticos aos que lhe ocorriam, demonstrando teoricamente a eficiência dos seus amulentos miraculosos. Ia a palestra em boa fôrma, quando Saúl lhe soliciitou a cessão imediata do talismã, porquanto, desejava experimentar-lhe o efeito naquele mesmo dia, ao que Araxes respondeu pressuroso:

— O vosso talismã está pronto. Posso entregar-vos esta preciosidade agora mesmo, dependendo tão sómente de vós mesmo, porque precisareis beber o filtro necessário, que vos colocará na situação espiritual requerida pelo cometimento.

Saúl não fez questão de submeter-se às imposições do velho egípcio, nas suas manobras estranhas e misteriosas, penetrando uma câmara ornamentada de vários símbolos extravagantes, que lhe eram totalmente desconhecidos.

Araxes levava a efeito as encenações mais sugestivas. Vestiu-lhe sôbre a toga comum, larga túnica igual

à sua e, depois de fingidas posições de magia incompreensível, foi ao interior do pequeno laboratório, onde tomou de um tóxico violento, monologando intimamente de si para consigo: — “Vais receber o talismã que mais te convém neste mundo”.

Deitou algumas gôtas do perigoso filtro numa taça de vinho e, com largos gestos espetaculosos, como se estivesse obedecendo a um ritual ignorado, deu-lhe a beber o conteúdo, prosseguindo nos seus gestos exóticos, que eram bem as expressões pitorescas e sinistras de uma extravagante magia de morte.

Ingerindo o vinho na melhor intenção de guardar o amuleto da sua felicidade, o perigoso liberto sentiu que seus membros se relaxavam sob o império de uma força desconhecida e destruidora, porquanto lhe faltava a própria voz para externar as emoções mais íntimas. Quis gritar, mas não conseguiu e inúteis foram todos os esforços para levantar-se. Aos poucos, os olhos turvaram-se lugubrememente, como enevoados por uma sombra espessa e indefinível. Desejou manifestar o seu ódio ao mago assassino, defender-se daquela angústia que lhe sufocava a garganta, mas a língua estava hirta e um frio penetrante invadiu-lhe os centros vitais. Deixando pender a cabeça sôbre os cotovelos apoiados ao longo da mesa ampla, compreendeu que a morte violenta lhe destruía tôdas as forças pletóricas do organismo.

Araxes fechou tranquilamente o quarto, como se nada houvesse acontecido, e voltou á sua loja, atendendo solícito á clientela numerosa, sem quebra da sua habitual serenidade.

Antes da noite, porém, penetrou na câmara mortuária e esvaziou a bolsa do cadáver, guardando-a silenciosamente entre as suas fartas reservas de avarento.

Depois das vinte e três horas, quando a cidade dormia, o velho feiticeiro do Esquilino misturava-se aos escravos que faziam o serviço noturno dos transportes, conduzindo uma pequena carroça de mão, dentro da qual ia um grande volume.

Após longo trajeto, ganhava as cercanias do Fórum, entre o Capitólio e o Palatino, onde descansou,

esperando o derradeiro quarto da madrugada, quando, então, despejou a carga num ângulo escuro da via pública, voltando tranquilamente para o seu sono de cada noite.

No dia seguinte, o cadáver de Saúl foi facilmente identificado e, quando o senador buscava o liberto para declarações, recebeu a surpresa daquela notícia inesperada, inquirindo a si mesmo as razões daquela morte imprevista e estranha, aturdido com a entrosagem do mecanismo da justiça divina e perguntando, intimamente á própria consciência, se Saúl não seria um daqueles criminosos imediatamente justicados pela lei das compensações, no caminho infinito dos destinos.

Seu coração, mais que nunca inclinado ao exame das profundas questões filosóficas, perdia-se num abismo de conjecturas, recordando a recomendação do espírito de Flaminio e as lições cariciosas de Ana, dentro de suas frases evangélicas, procurava, com a maior boa vontade, resolver o problema do perdão e da piedade. Desejoso de satisfazer á própria consciência nas atividades da vida prática, buscou contrariar as suas tradições e os seus costumes em face do acontecimento, e, dirigindo-se á residência do algar de seus filhos, tomou todas as providências para que não lhe faltassem a decência e o respeito nas cerimônias fúnebres. Alguns escravos e servos de confiança estavam habilitados a solucionar tôdos os problemas atinentes aos negócios deixados pelo morto, mas, cooperando nas suas exéquias, Públio Lentulus se sentia satisfeito por vencer a aversão pessoal, homenageando, ao mesmo tempo, a memória de Flaminio.

Localizando-se com a sua nova companheira, em Avênio, Plínio Severus teve conhecimento, por intermédio de amigos, da tragédia que se desenrolára em Roma na noite de sua ausência, sendo igualmente cientificado das dúvidas penosas que pairavam a seu respeito. Profundamente tocado nas suas fibras emotivas, lembrando-se do irmão que, tantas vezes lhe testemunhara as mais altas provas de afeto, desejou regressar, de maneira a esclarecer convenientemente o assunto, vingando-lhe a morte; todavia, amolecido nos braços de

Aurélia e receoso do julgamento do velho senador, respeitado como um pai, além da suspeita que lhe causava a notícia da inexplicável enfermidade da espôsa, deixou-se ficar na sua vida incompreensível, através de Avênio, de Massília, de Arelate, de Antípolis e Nicæ, buscando esquecer no vinho dos prazeres as grandes responsabilidades que lhe cabiam.

Junto de Aurélia, a vida do oficial decorreu em tranquilidade condenável, por três longos anos, quando um dia teve a dolorosa surpresa de encontrar a companheira perfida e insensível nos braços do músico e cantor Sergio Acerronius, chegado á Massília com as ruidosas alegrias da capital do Império.

Nêsse dia amargurado da sua existência, o filho de Flaminio investiu a mulher traidora, de arma na mão, disposto a tirar-lhe a vida criminosa e dissoluta. No instante, porém, da sua desforra, considerou intimamente que o assassinio de uma mulher, ainda que diabolicamente perversa, não deveria entrar nos trâmites da sua vida, supondo ainda que, deixá-la viver no caminho escabroso de suas crueldades seria a melhor vindita do seu coração traído e desventurado.

Abandonou, então, para sempre, aquela mísera criatura, que foi eliminada mais tarde, em Antium, pelo punhal implacável de Sergio, que não lhe tolerou o adultério e a pervicácia no crime.

Sentindo-se só, Plínio Severus considerou, amarguradamente, os êrros clamorosos da sua vida. Reviu o passado de futulidades condenáveis e atitudes loucas. Quasi pobre, viu-se misérrimo para voltar ao ambiente romano, onde, por tantas vezes, brilhára na mocidade, em aventuras pródigas e felizes.

Debalde enviára-lhe o senador apêlos afetuosos. Chamado a brios pelas lições dolorosas do próprio destino, o oficial, amparado por alguns amigos de Roma, preferiu esforçar-se pela sua reabilitação nas cidades das Gálias, onde permaneceria longos anos em trabalho silencioso e rude, pelo reerguimento do seu nome diante dos parentes e amigos mais íntimos.

Já entrado nas profundas reflexões da idade ma-

dura, grande foi o seu penoso esforço de reabilitação, distante dos entes mais caros.

Quanto ao velho senador, resistiu, decididamente, dentro da sua rígida estrutura espiritual, aos golpes aspérrimos do destino. Fazendo da luta de cada dia o seu melhor caminho de esclarecimento, viu passar os anos sem desânimo e sem ociosidade, nas avançadas expressões da sua fortuna material.

Desde os trágicos acontecimentos em que Agripa e Saúl haviam perdido a vida misteriosamente, com o abandono definitivo do marido, Flávia Lentulia tinha a saúde abalada para sempre. Na epiderme, os venenos de Athéia haviam sido anulados e vencidos pelas substâncias medicamentosas aplicadas, mas a luz dos seus olhos fôra aniquilada para tódo o sempre. Desalentada e cega, encontrou, porém, no coração generoso de Ana, o carinho materno que lhe faltava em tão penosas circunstâncias da vida.

A constituição física do senador, contudo, resistia a todos os embates e infortúnios.

Entre os esforços de carinhosa assistência á filha e as lides políticas que lhe tomavam o máximo de atenção, seus dias decorreram cheios de lutas acerbadas, mas silenciosos e tristes, como sempre. Em seu espírito, havia agora as melhores e mais sinceras disposições para apreender a essência sagrada dos ensinamentos do Cristianismo, e foi assim que o seu coração penetrou o crepúsculo da velhice, como se as suas sombras fôsem clarificadas por estrêlas cariciosas e suaves. No seu íntimo, permanecia uma serenidade imperturbável, mas, na vida do homem corria o sôpro inquieto do esforço pelas realizações do seu tempo. O coração estava resignado com as desilusões penosas e amargas do destino, porém, no poder supremo do Império estava um tirano, que precisava cair em benefício das construções do direito e da família, e por isso, junto de numerosos companheiros, entregou-se ao trabalho sutil da política interna, para a quêda de Domício Nero, que prosseguia avassalando a cidade com os espectáculos odiosos do seu nefando reinado.

Caius Pisão, Seneca, bem como outras figuras veneráveis da época, mais exaltadas no seu patriotismo e amor pela justiça, caíram sob as mãos criminosas do celerado que cingia a corôa, mas Públio Lentulus, ao lado de outros irmãos de ideal que trabalharam no silêncio e na sombra da diplomacia secreta, junto dos militares e do povo, esperou pela morte ou pelo banimento do tirano, aguardando as claridades do futuro, surgidas com o efêmero reinado de Sérvio Sulpício Galba, que, no dizer de Tacito, era "considerado por todos, digno do governo supremo do Império, se não houvesse sido Imperador.

VIII

NA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Mais de dez anos correram, silenciosamente e amargurados, depois de 58, sobre a vida comum dos personagens desta história.

Sómente em 68, conseguira a política conciliatória de grande número de patrícios, entre os quais Públio Lentulus, o definitivo afastamento de Domício Nero com as suas nefandas crueldades. Todavia, a ascensão de Galba durára poucos meses e aquele ano de 69 ia definir grandes acontecimentos na vida do Império.

Lutas numerosas encheram a cidade de pavor e de sangue.

A terrível contenda entre Othão e Vitelino dividira todas as classes da família romana, em facções hostis, que se odiavam ao extremo.

Afinal, a famosa batalha de Bedriac dava o trôno a Vitellio, que inaugurou um novo círculo de crueldades em todos os sectores políticos.

A diplomacia interna, porém, vigiava na sombra, examinando atentamente a situação, de modo a não permitir a continuidade de um novo surto de extermínio e de infâmia.